

À memória de Ferrer

O momento é ainda de protesto. O mundo inteiro protesta contra o bárbaro fuzilamento praticado na pessoa do grande mestre da nova idéia, o livre pensador Francisco Ferrer.

Os sombrios fossos da Fortaleza de Monjuich recordem os tempos medievaes, anteriores á queda da Bastilha.

A descarga que fez tombar Ferrer repercutiu pelo universo inteiro, no intimo de cada peito, no seio de cada familia, no meio de cada associação e no amago de cada paiz.

Não ha homem de bom senso, ou livre pensador, que não sinta no intimo dalma e dôr pungentíssima que sufoca o puro sentimento, para só levantar um grito de revolta —porque todos pensamos livremente — porque podemos chegar a ser um Ferrer, uM Gorki, um Gafoni, e os Stenka existem em todos os tempos.

Os espíritos ferrenhos arraigados ao ortodoxismo do Sistema, no pessimismo conservador de tradições, intrincheirados no estulto baluarte da burocracia, arrogando-se os direitos de conquista, pretendem ainda a direção dos povos na trilha intoleravel do mais absoluto despotismo, na mais concreta ignorancia.

Mas já passaram os tempos do obscurantismo, já lá se vão os tempos em que a venda era uma condição necessaria á vida da humanidade.

Ferrer tombou, Ferrer deixou de existir, mas na materia apenas; os Ferrer existem em todos os tempos e, cada Ferrer que tomba, e um passo de gigante dado no vasto campo dos nossos idéaes. Cada Ferrer que tomba é uma pedra gigantesta atirada no alicerce do vasto edificio do Socialismo; cada Ferrer que tomba, é urna luz que se projeta altaneira, pairando por sobre a humanidade. Luz intensa que muitas centenas de lampadas voltaicas, em fóco, jamais produziram luz de tão suaves reverberações.

Lamentemos a morte de Ferrer, mas não nos deixemos empolgar pela dôr estiolante das nossas mais santas e puras aspirações; pois que a morte de Ferrer, ao mesmo tempo que nos é uma grande falta, pois que Ferrer era um dos mais fortes esteios da nossa nobre causa, é ao mesmo tempo um grande bem, pois que a morte de um dos procetes da liberdade, em pleno campo de luta, é para nós uma vitoria; o seu sangue fará germinar a idéa, a luz que lhe alimentava o cerebro espalhar-se-á, comunicar-se-á as massas ávidas de saber e sedentas de luz, atestando assim a grandiosidade da idéa e do cerebro que a gerou.

Se morre um Ferrer entrega-se o corpo á terra, cujos vermes se encarregarão de consumir a materia, mas não conseguiremos fazer com que a idéa acompanhe a materia na sua queda e decomposição; ainda que assim fosse: a idéa persistiria até chegar o tempo próprio para germinar, porque a idea é luz e os vermes não comem luz, e como tal não conseguiriam consumil-a: assim a memoria de Francisco Ferrer conservar-se-á indelevel no amago de nossos corações. Ferrer será para as gerações vindouras o que para nós tem sido os sábios e filósofos como Galileu, que descobriu o movimento da terra em torno do seu eixo; o Cristo, sublime filósofo da antiguidade, Platão, na sua escola, e Pitagoras, na sua teoria da alma, transcendente após uma correria de mais de três mil anos. Para depois formar o delicado

maquinismo de que irradiam as mais suaves reverberações, grau supremo da organização dos seres – o homem.

Ferrer passará, pois, á posteridade como figura brilhante, destacando-se grandioso no escól sublime dos homens de talento, como o apanágio eterno de sua obra grandiosa. Levantemos, pois, um grito de revolta contra a morte daquele que só soube crear escolas.

Elevemos a voz proclamando bem alto a memoria daquele que só procurou instruir a infância – o creador da Escola Moderna – Francisco Ferrer.

Rio, 23 de Outubro de 1909.

A. Galileu.

GALILEU, A. **Á memória de Ferrer**. A Voz do Trabalhador. Rio de Janeiro: Ano II - nº 20, 15 de Novembro de 1909.